

## *Clientes e circuitos da prostituição no Rio de Janeiro do século XIX* \*

MARINETE DOS SANTOS SILVA\*\*

Universidade Estadual do Norte Fluminense

**Resumo:** O artigo pretende mostrar a outra face da prostituição, constituída pelo cliente, praticamente desconhecido e quase sempre ausente dos estudos que enfocam a questão. Subsumido na figura onipresente da prostituta, ele é perquirido na variada documentação da época: jornais, revistas, documentação de polícia, teses e textos literários. Fugidio, falar sobre ele requer um olhar atento e perscrutador para apanhá-lo em suas aparições rápidas e difusas nos locais adstritos ao comércio venal da capital do Império.

**Palavras-chave:** Prostituição; Clientes; Bordéis; Rio de Janeiro.

**Abstract:** The article aims to show the other face of prostitution, made by the customer, virtually unknown and almost always absent from studies that focus on the issue. Subsumed in the omnipresent figure of the prostitute, he is sought in varied documentation time: newspapers, magazines, documentation of police, theses and literary texts. Elusive, talk about it requires a watchful eye and searchingly to catch him in his cameo appearances in local and diffuse assigned venal trade capital of the Empire.

**Keywords:** Prostitution; Customers; Brothels; Rio de Janeiro.

---

\* Artigo submetido à avaliação em 12 de junho de 2012 e aprovado para publicação em 17 de março de 2013.

\*\* Bacharel, Licenciada e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Doutora em História pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Foi professora associada do Programa de Pós-Graduação em História da UFF e professora visitante da Universidade Federal do Pará. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, e coordena o Atelier de Estudos de Gênero na mesma Universidade. Publicou, recentemente, uma coletânea de artigos intitulada *Gênero, tradição e poder na terra do Coronel e do Lobisomem*, pela Editora Quartet.

A literatura a respeito da prostituição no Rio de Janeiro durante o século XIX concentrou-se preferencialmente na figura da prostituta<sup>1</sup>. Negra ou branca, brasileira ou estrangeira, de alta estirpe ou de baixa extração, é sobre ela que recaem as atenções, seja para exaltá-la em sua beleza ou para detratá-la em sua ação perniciosa de “destruidora das famílias” ou “disseminadora da sífilis”. Do cliente, pouco ou nada se fala. O presente artigo procurará mostrar um pouco desse personagem sem o qual evidentemente a prostituição não existiria. Buscaremos igualmente mostrar, além do seu perfil, as formas de aliciamento utilizadas pelas prostitutas e os locais por onde eles circulavam em busca do prazer venal.

Que tipo de indivíduo frequentava as prostitutas da capital do Império? Pela documentação consultada, o recurso à sexualidade venal não parece ter sido apanágio de qualquer grupo especial de homens. A “licença de costumes” existente entre os elementos do sexo masculino e, o seu predomínio absoluto em relação à mulher - considerada por Gilberto Freyre como legal e socialmente a “sombra do marido”<sup>2</sup>- deixava o caminho aberto para comportamentos que iam desde a violação das escravas domésticas até a frequência a alguma cortesã ou “artista” francesa. Nesse caso, o “paião”- nome popular pelo qual era designado o cliente- poderia ser um rico fazendeiro ou filho deste, um comerciante de grande porte, um elemento da alta administração ou ainda algum político, não importando se fosse casado ou solteiro.

O surto industrial que se abriu no Rio de Janeiro após 1850, além do grande desenvolvimento da cafeicultura do Vale do Paraíba, enriqueceu determinadas camadas da sociedade carioca que se deram às novas formas de

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos disso são: Luís Carlos Soares. *Rameiras, Ilhoas, Polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo, Ática, 1992. Beatriz Kushnir. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. Rio de Janeiro, Imago, 1999. Lená Medeiros de Menezes. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Rio de Janeiro. Ed. Arquivo Nacional, 1992.

<sup>2</sup> Gilberto Freyre. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, 1964, p. 107. Veja-se também do mesmo autor: *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. José Olympio, Rio de Janeiro, 1985.

sexualidade. A negra escrava ao alcance da mão, já não era mais suficiente. O luxo, as diversões e um simulacro do jogo da sedução tornaram-se importantes. Em 1880, um jornalista, na apresentação do seu livro de poesias lamentava o fato de que se vivia, segundo ele, em uma época na qual “muitos chefes de família, de cabelos e barbas brancas, que se deviam fazer respeitar” atiravam-se “nas correrias dos bordéis, sacrificando a fortuna dos seus”. Era também fato corrente para esse jornalista que “a maior parte dos representantes do povo”, cuidava mais “dos caprichos das messalinas do que dos interesses da pátria” e que também “muitos moços calcando aos pés a dignidade” passavam a vida “servindo torpemente de cavalheiros às mulheres públicas”.<sup>3</sup>

Em várias oportunidades, o jornal *O Carbonário* acusou- às vezes de forma até jocosa- deputados e senadores de frequentarem prostitutas caras. Em março de 1885, por ocasião da abertura dos trabalhos do Parlamento, dizia que certa cortesã havia retirado seus brilhantes da casa de penhores onde se encontrava, para com eles se apresentar nos jardins dos teatros pois que a “época das vacas gordas” chegara.<sup>4</sup> O estudante rico da província, afastado da família, “livre” na capital do Império e, em busca de aventuras, também podia ser alinhado como cliente junto às prostitutas de alto bordo. Paulo personagem do romance *Lucíola* e amante da cortesã Lúcia era um jovem provinciano deslumbrado com os prazeres da grande cidade.<sup>5</sup> Da mesma forma o era o personagem Amâncio de *Casa de Pensão* de Aluísio Azevedo, assassinado no Hotel Paris quando dormia ao lado da francesa Jeanette.<sup>6</sup> Jeffrey Needell que estudou a elite cultural e a sociedade carioca de fins do século XIX e início do século XX observou que frequentar as “artistas francesas” era um hábito extremamente difundido entre os elementos dessa elite bastante europeizada que, pretendia recriar Paris nos

---

<sup>3</sup> Plácido de Abreu. *A Crápula*. Tipografia Literária, Rio de Janeiro, 1880, p. 3. Do mesmo autor, versando também sobre a prostituição, veja-se: *A luta dos vícios*. Tip. Part., Rio de Janeiro, 1886 e *Os Capoeiras*. Tip. da Escola de S.J. Alves, Rio de Janeiro, s.d.

<sup>4</sup> *O Carbonário*, 13 de março de 1885, p. 3.

<sup>5</sup> José de Alencar. *Lucíola*. Editora Ática, São Paulo, 1986.

<sup>6</sup> Aluísio Azevedo. *Casa de Pensão*. Editora Ática, São Paulo, s.d.

trópicos, com todos os seus hábitos: cafés-concerto, teatros, restaurantes e prostitutas.<sup>7</sup> Esse cliente da elite não era muitas vezes, contrariamente ao que se poderia pensar, poupado de certos dissabores. Em 1886, o escritor Aluísio Azevedo foi agredido a bengaladas por uma “cocotte” conhecida por Laffite, quando se encontrava em companhia de um grupo de amigos no jardim do Teatro Santana.<sup>8</sup>

As figuras do “caixeiro”- imigrante português trabalhador do comércio de retalho- assim como do pequeno funcionário público, aparecem frequentemente na documentação como frequentadores das “publics-houses”, dos botequins e das rótulas. Da mesma forma, o marinheiro estrangeiro, de passagem pela cidade, decidido a beber e a se “divertir” sem ter que pagar o preço da sofisticação dos locais frequentados pelo “high- life fluminense”.<sup>9</sup>

O cliente poderia ser ainda um elemento do clero, fosse ele secular ou regular.<sup>10</sup> Pires de Almeida afirmava que muitos religiosos saíam esgueiradamente na calada da noite de suas igrejas e conventos, para irem à zungus, casas de alugar quartos por hora ou “publics-houses”. Um deles chegara mesmo a ser surpreendido pela polícia em uma casa de prostituição do Beco do Cotovelo disfarçado com uma cabeleira loura tomada de empréstimo à imagem de Cristo.<sup>11</sup> Em suas impressões de viagem, Thomas Ewbank fez referência a frades do Convento de Santo Antônio que, em meados da década de quarenta, não satisfeitos de frequentarem certa

---

<sup>7</sup> Jeffrey D. Needell. *A tropical belle époque. Elite culture and society in thurn-of-the-century Rio de Janeiro*. Cambridge University Press, 1987, p. 172.

<sup>8</sup> O Carbonário, 2 de agosto de 1886, p. 1.

<sup>9</sup> Essa expressão era utilizada pelo jornal O Carbonário para se referir aos frequentadores das prostitutas francesas.

<sup>10</sup> Jacques Rossiaud assinalou que na cidade de Dijon, no século XV, 20% dos frequentadores dos bordéis e estufas pertenciam ao clero. *La prostitution médiévale*. Flammarion, Paris, 1988, p. 54.

<sup>11</sup> José Ricardo Pires de Almeida. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*. Estudos sobre as perversões e inversões do instinto genital. Laemmert e C. Editores, 1906, p. 63.

prostituta, chegaram mesmo a introduzi-la no próprio mosteiro, onde foi descoberta pela polícia, depois de alguns dias, em uma das celas<sup>12</sup>.

Evidentemente, os clientes das prostitutas - sobretudo os pertencentes ao clero- se viram a braços com a censura pública de seus atos. Essa censura tinha, entretanto, um limite. Numa sociedade, onde “idolatrava-se a mulher pura, a mulher lírio, enquanto os desregramentos sensuais do homem só de leve eram reparados”,<sup>13</sup> o cliente embora fosse por vezes criticado, acabava sempre tido, em última análise, como vítima. Ora de hábeis monstros de sedução que levavam o rico a esbanjar sua fortuna, ora de terríveis monstros da baixeza, que levavam o pobre a perder sua dignidade.

Palavras, gestos, exposição parcial do corpo, ou ainda um jeito especial de se vestir constituíam maneiras de atrair a atenção dos homens que passavam, clientes em potencial. As formas de aliciar variavam segundo o status da prostituta. Variavam, também, de acordo com a situação específica por ela vivenciada.

Um viajante observou como as prostitutas de “primeira classe” arrebanhavam clientes. Saíam também de dia, mas sempre acompanhadas de escravos. Em geral, uma velha matrona se colocava à janela esperando a patroa. Quando esta última chegava um escravo se adiantava, abrindo-lhe a porta. A matrona continuava à janela esperando o homem que porventura a houvesse seguido. O piscar de um olho indicava que ele era bem vindo e, que podia entrar. Algumas vezes, o cliente soltava uma expressão como “viva senhora” e, piscava o olho. Caso o piscar lhe fosse respondido pela alcoviteira ou pela prostituta, dirigia-se logo à porta que lhe era aberta por um escravo.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Thomas Ewbank. A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras. Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1973, vol. I, p. 140.

<sup>13</sup> Gilberto Freyre. Vida social no Brasil no século XIX. *Op. cit.*, p. 105.

<sup>14</sup> Theodor Von Leithold. In: Miriam Moreira Leite. A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. HUCITEC/INL. São Paulo/Brasília, 1984, p. 115.

As prostitutas de alto bordo, também recrutavam clientes nos espetáculos teatrais, aos quais compareciam com muita frequência.<sup>15</sup> Tomavam sempre um lugar de destaque- camarotes ou cadeiras de primeira classe- onde poderiam ser notadas pelos homens endinheirados. Bem vestidas e, portando ricas jóias, exerciam aí o seu fascínio. Em 1845, um ofício do Chefe de Polícia aos subdelegados pedia que fosse tratada com a administração dos teatros, através de meios “decentes e pacíficos”, uma fórmula “de evitar o abuso de assistirem as meretrizes aos espetáculos em camarotes da segunda ordem, principalmente em dias de gala, quando Sua Majestade o Imperador honrar com a sua presença”.<sup>16</sup>

Os passeios de carruagem, sem a tradicional cobertura era outra forma utilizada para atrair a atenção. Neles, a prostituta requintada mostrava o luxo e a elegância do seu traje. Léonie e Pombinha de O Cortiço passeavam mostrando-se escandalosamente pelas ruas do Catete.<sup>17</sup> Lúcia a belíssima cortesã do romance *Lucíola*, de José de Alencar, seduziu Paulo ao cruzar com ele em passeio de carro aberto.<sup>18</sup>

Para as prostitutas medianas ou pobres, a janela parece ter sido o local privilegiado para o aliciamento. As expressões “fazer vida na janela” e “ganhar na janela” eram extremamente correntes na documentação consultada. Expilly relatava que Cândida, a criada portuguesa que trabalhara em sua casa e que se transformara em prostituta punha-se à janela com um peignoir de mousseline guarnecido de rendas, uma rosa nos cabelos e um lenço bordado na mão.<sup>19</sup>

A Gazeta de Notícias dava ênfase à forma agressiva pela qual as prostitutas das ruas Uruguaiana, Sete de Setembro, Constituição, Carioca,

---

<sup>15</sup> Assegurava Francisco Ferraz de Macedo. Da prostituição em geral. Tese apresentada à Faculdade de Medicina. Tipografia Acadêmica. Rio de Janeiro, 1872, p. 78.

<sup>16</sup> Ofício do Chefe de Polícia Nicolau da Silva Lisboa aos subdelegados do Município do Rio de Janeiro. Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. Jan.-Abr. 1845. IJ6-203. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Aluisio Azevedo. O cortiço. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, s.d., p. 155.

<sup>18</sup> José de Alencar. *op. cit.*, p. 25.

<sup>19</sup> Charles Expilly. Le Brésil tel qu'il est. Charlieu et Huillery Librairies Editeurs. Paris, 1864, p. 246.

Gonçalves Dias, Guarda Velha, Ajuda, Teatro, Assembléia, Espírito Santo e Travessa de São Francisco procuravam de suas janelas chamarem a atenção. Chegavam a atacar e arrastar para dentro de suas casas os homens que passavam<sup>20</sup>. “Mais de uma aba de paletó tem ficado em suas mãos, quando os sujeitos não querem penetrar no templo de suas graças”, sublinhava O Carbonário a propósito de certas prostitutas da Rua Sete de Setembro<sup>21</sup>. Algumas vezes, segundo o que relatava A Gazeta Luzitana, essas mulheres, na ânsia de aumentar seus ganhos, apoderavam-se do chapéu dos indivíduos que passavam nas calçadas para que estes, querendo recuperá-lo, entrassem<sup>22</sup>. É possível que haja certo exagero dos jornais em relação à agressividade que essas prostitutas demonstravam para recrutar clientes. Vale notar que, estes últimos, eram sempre colocados em uma situação de passividade, na condição de “vítimas” das terríveis “messalinas”.

Nas ruas mais frequentadas, o espetáculo era de “triste e repugnante aspecto”, enfatizava O Carbonário. Nas janelas de rótulas baixas formigavam as cabeças de prostitutas que convidavam os passantes. Esse tipo de janela deixava as casas bastante devassadas. No fundo das salas, “guarnecidas de cortinas, ornadas de luxuriantes enfeites”, via-se, então, “sob o alvo cortinado, o leito entorpecido”. Nas janelas altas dos sobrados, elas se colocavam como estátuas “num desalinho de divindade grega”<sup>23</sup>. Muitas se apresentavam nessas sacadas em “fraldas de camisa, proferindo inconveniências, fazendo convites indecentes aos transeuntes”<sup>24</sup>. Uma outra fórmula utilizada era ficar dentro de casa em trajes sumários e arrancar alguns pedaços da veneziana da janela permitindo a quem andasse pela calçada entrever o que se passava lá dentro<sup>25</sup>.

Para as prostitutas sem muitos recursos financeiros, um passeio a pé, ao cair da tarde, pelos lugares públicos mais frequentados poderia funcionar

---

<sup>20</sup> A Gazeta de Notícias, 2 de março de 1879, p. 3.

<sup>21</sup> O Carbonário, 29 de maio de 1882, p. 4.

<sup>22</sup> A Gazeta Luzitana, 20 de janeiro de 1889, p. 2.

<sup>23</sup> O Carbonário, 10 de setembro de 1886, p. 1.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 31 de dezembro de 1883, p. 2.

<sup>25</sup> A Gazeta de Notícias, 17 de fevereiro e 19 de março de 1879, p. 1 e 2 respectivamente.

como uma variante do recrutamento feito nas janelas. Um galanteio e o “braço prestimoso” que era oferecido por um “cavalheiro”, constituíam o início de uma entrevista que poderia terminar em uma “casa de alugar quartos por hora”.<sup>26</sup> Era também caminhando pela cidade, na ida para casa, que algumas costureiras e floristas conseguiam os clientes que complementavam seus parcos salários. As negras que vendiam “quitandas”, doces ou bebidas refrescantes pelas ruas, notáveis pela elegância e limpeza dos trajes fossem elas livres ou escravas, também aproveitavam esse momento “para travar novos conhecimentos lucrativos” que elas cultivavam no decorrer do ano, “mediante visitas furtivas que lhe dão algum dinheiro, a título de esmola ou de recompensa por pequenos obséquios prestados com condescendência”, afirmava Debret.<sup>27</sup>

Era durante a venda ambulante de pastéis, balas etc. – afirmava também Schelichthorst – que belas negras, vestidas de cambraia branca e com turbantes encarnados, comerciavam os “próprios encantos”.<sup>28</sup>

Como a prostituição se distribuía pela cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX? Poder-se-ia falar verdadeiramente de um espaço ou espaços adstritos ao comércio sexual? Em 1845, Herculano Augusto Lassance Cunha lembrava que a prostituição achava-se disseminada por toda a cidade, porém o maior número de prostitutas concentrava-se entre o Campo da Aclamação e a Rua da Vala, em casas térreas, pequenos sobrados ou nas lojas dos sobrados maiores, onde elas viviam sempre sós ou reunidas a mais uma quando muito duas companheiras. Segundo seu testemunho, de tal maneira a prostituição havia se incrustado nessa parte da cidade “que nem uma família grave, a não ser muito pobre, se sujeita a morar nas pequenas casas de que ela abunda”. Entretanto, as prostitutas mais pobres- “a feira da carnalidade da gentalha”, como ele as denominava-

---

<sup>26</sup> Ferreira da Rosa. O lupanar. Estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro. S.e., Rio de Janeiro, 1896, p. 228.

<sup>27</sup> Jean- Baptiste Debret. In: Miriam Moreira Leite. *op. cit.*, p. 97.

<sup>28</sup> Carl Schelichthorst. *Ibid.*, p. 116.



habitavam “sórdidos casebres” nas ruas dos Ferradores, do Sabão, de São Pedro e do Hospício.<sup>29</sup>

Charles Expilly, por sua vez, diria um pouco mais tarde que “les rues do Hospício, da Alfândega, do Senhor dos Passos sont le foyer de la galanterie brésilienne”. Mesmo adicionando mais duas ruas a relação expedida por Lassance Cunha, ele concordava com este último, ao localizar aí a prostituição da pobreza. Nesses locais, predominavam casinhas de apenas um andar ou no máximo dois, habitadas por mulheres quase sempre mal-asseadas e mal-vestidas.<sup>30</sup>

Segundo o testemunho de Ferraz de Macedo, a maior concentração de prostitutas estaria na freguesia do Sacramento vindo logo a seguir as freguesias de São José, de Santa Rita e da Glória.<sup>31</sup> A Gazeta de Notícias também apontava o Sacramento como o local “preferido” pela prostituição. Em 1879, ao criticar a disseminação do jogo pela cidade, lamentava que as roletas houvessem sido instaladas justamente nesta “infeliz freguesia”, já bastante penalizada pelo “espetáculo repugnante” do grande número de “infelizes meretrizes” que a habitavam. Nas ruas da Alfândega, da Imperatriz e dos Andradas, além do jogo, segundo o jornal, pululava também a “devassidão”.<sup>32</sup>

Tudo nos leva a crer que, a partir da década de setenta, com o incremento do comércio sexual, devido, sobretudo ao tráfico de mulheres da Europa Oriental, outras áreas tenham sido incorporadas ao circuito da venalidade. Data dessa época, a invasão de novas ruas pelos proxenetes judeus que transformaram velhos prédios ali existentes, em locais de prostituição. A Gazeta de Notícias, no final dessa década chamava a atenção das autoridades para a existência de mulheres “que com descaro inaudito, afrontavam seminuas o pudor público, de suas janelas e portas” nas ruas mais

---

<sup>29</sup> Herculano Augusto Lassance Cunha. Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro. Tese apresentada à Faculdade de Medicina. Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, Rio de Janeiro, 1845, p. 19.

<sup>30</sup> Charles Expilly. *op. cit.*, p. 78.

<sup>31</sup> Francisco Ferraz de Macedo. *op. cit.*, p. 144.

<sup>32</sup> A Gazeta de Notícias, 24 de Maio de 1879, p. 2.

frequentadas da cidade como a Uruguaiana (antiga Rua da Vala), Sete de Setembro, Constituição, Carioca, Gonçalves Dias, Guarda Velha, Ajuda, Teatro, Assembléia, Espírito Santo e Travessa de São Francisco<sup>33</sup>.

Em meados da década de 80 à vasta lista de ruas onde se exercia a prostituição, O Carbonário acrescentou o Largo do Rocio, onde existiam casas “apinhadas de mulheres públicas”, trazidas para a capital do Império pelos “miseráveis cafténs”<sup>34</sup>. O jardim do Campo da Aclamação também já havia se convertido em um “verdadeiro prostíbulo”, a ponto de por ali “não poder passar nenhuma família”. Mesmo de dia, era “frequente topar-se com um ou mais ajuntamentos crapulosos por entre as árvores das alamedas e, principalmente na cascata”<sup>35</sup>.

No final do século, Ferreira da Rosa apontava as ruas Senhor dos Passos, Regente, Luiz de Camões, Núncio, Conceição, Lavradio, Carioca, Sete de Setembro e Praça Tiradentes (antigo Largo do Rocio) como lugares onde húngaras, alemães, polacas e russas viviam expostas às janelas e portas de casinhas “velhas e imundas, em afronta permanente à moral pública”<sup>36</sup>.

Em 1849, um ofício do Chefe de Polícia Antônio Simões de Paula ao Ministro da Justiça pedia a deportação de alguns estrangeiros proprietários de uma “public house”. Aí, reunir-se-ia o que havia de pior na cidade. Essas “sentinas do vício” eram frequentadas por “marinheiros de diversas nações a que se agregam outros estrangeiros da ínfima classe”, dizia o Chefe de Polícia, aludindo ao fato de que nesses antros ocorriam ações que depunham contra a “moral e os bons costumes”<sup>37</sup>. Ferraz de Macedo referia-se aos “publicações”-possivelmente corruptela de “public house”- como um local de prostituição onde também eram vendidas “bebidas espirituosas”<sup>38</sup>. Pires de Almeida fez igualmente menção às “public houses”, sublinhando que as

---

<sup>33</sup> Ibid., 2 de março de 1879, p. 3.

<sup>34</sup> O Carbonário, 18 de Junho de 1886, p. 2.

<sup>35</sup> A Gazeta Luzitana, 3 de Junho de 1888, p. 3.

<sup>36</sup> Ferreira da Rosa. *op. cit.*, p. 251.

<sup>37</sup> Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. IJ6-212. 1849. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

<sup>38</sup> Francisco de Ferraz de Macedo. *op. cit.*, p. 80.

mesmas eram frequentadas, em geral, pelos clientes das negras escravas, situando-se, sobretudo na Rua da Misericórdia, nos becos na Música e do Cotovelo.<sup>39</sup>

Ao que tudo indica a expressão “public house” usada pelo Chefe de Polícia, corresponde à “casa de tolerância”, que aparece mais frequentemente na documentação consultada. Calculava-se em 1883, que só no primeiro distrito da freguesia do Sacramento havia cerca de vinte dessas casas.<sup>40</sup> Uma delas, situada à Rua da Assembleia era descrita como um lugar ao qual se tinha acesso através de “um estreito corredor sujo e porco. A segunda meia escada, compunha-se de uns poucos degraus abatidos, velhos e carcomidos”. Atravessava-se um outro corredor e, chegava-se então, a uma “pequena sala abafada, com paredes enegrecidas, dando ao recinto um aspecto nojento. Ao redor de uma mesa velha estavam umas mulheres de má presença – torpes messalinas, de gestos depravados e figuras hediondas. Um caixeiro ainda mais imundo estava ali à entrada para receber o dinheiro por cada mulher daquelas, ou pelo aluguel do quarto prestado aos que de fora iam ocupá-los”.<sup>41</sup>

As “casas de tolerância” eram apontadas na década de 80, como locais de prostituição, cujo número progredia francamente. É possível, que essa denominação tenha sido copiada do francês “maison tolérée” que, evidentemente, não se aplicava ao caso do Rio de Janeiro, onde a prostituição nunca foi regulamentada.

As hospedarias ou “casas de alugar quartos por hora”, que funcionavam como verdadeiros hotéis de passe desenvolveram-se na cidade a partir de 1880. Eram geralmente estabelecidos por portugueses e tinham uma fachada legal. Os proprietários, além do aluguel do quarto- cerca de um mil réis por hora- exigiam das prostitutas a metade do que fora pago pelo cliente<sup>42</sup>. Também a partir dos anos 80, vê-se a proliferação dos botequins,

---

<sup>39</sup> José Ricardo Pires de Almeida, *op. cit.*, p. 71.

<sup>40</sup> O Carbonário, 1º de junho de 1883, p. 2.

<sup>41</sup> *Ibid.*, 11 de Junho de 1883, p. 2.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 1º de maio de 1882, p. 2.

sobretudo na Cidade Nova, parte recente da cidade resultante do aterro de manguezais. Segundo denúncias, os situados na Praça Onze, na Rua do General Caldwell e na Rua Visconde de Itauna eram coutos de “vagabundos, gatunos e meretrizes cínicas e ébrias”. Esses locais seriam frequentados pelas “mulheres da ínfima camada social, insultando a moral e os bons costumes por seu palavreado obsceno e vestuário tão ligeiro que oferece o escandaloso espetáculo de uma mulher quase nua”.<sup>43</sup> Além disso, as caixeiras encarregadas de servir – “mulheres de vida airada”- vendiam não apenas a cerveja, mas também “sorrisos”, segundo o relato de um periódico da época.<sup>44</sup> Alguns botequins chegavam mesmo a dispor de quartos que eram alugados por hora, de forma semelhante ao que era feito nas hospedarias.<sup>45</sup> Os botequins eram ainda locais de reunião dos exploradores das prostitutas- sobretudo judeus- que, entre um gole e outro, realizavam “negócios”, vendendo e comprando mulheres. Dois deles, situados no Largo do Rócio- o Suíço e o Criterium- ficaram célebres por esse tipo de frequência.<sup>46</sup>

Os hotéis ou “pension d’artistes”, como foram também conhecidos eram frequentados excepcionalmente por prostitutas brasileiras de alto bordo. Sua clientela era formada, sobretudo, por prostitutas estrangeiras misto de atriz e cortesã, que se faziam frequentemente acompanhar de fazendeiros endinheirados ou “rapazes de fortuna”, filhos destes últimos, em geral das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>47</sup>. Muitos desses hotéis tinham nomes franceses: Bordeaux, Etats-Unis, Provenceaux, Central, Phênix, Millan, Champs-Elysées, Capelle, Rocambole etc. Algumas mulheres que aí viviam pagavam pela casa e comida, outras moravam de graça e outras tantas eram pagas pelos proprietários para servirem de chamariz, a fim de aumentar o consumo de bebidas entre os frequentadores. Entre 1846 e 1848 ficou famoso o Hotel Pharoux, local de dança, jogo e bebida, além de ser

---

<sup>43</sup> *Ibid.*, 1º de março de 1886, p. 2.

<sup>44</sup> *Ibid.*, 12 de Junho de 1882, p. 3.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 18 de dezembro de 1885, p. 2.

<sup>46</sup> Ferreira da Rosa. *op. cit.*, p. 37.

<sup>47</sup> José Ricardo Pires de Almeida. *op. cit.*, p. 72.

“também receptáculo de rameiras”.<sup>48</sup> Nos anos 80 era célebre o Hotel Ravot, situado na Rua do Ouvidor, uma das mais importantes da cidade. Contra ele, O Carbonário dirigiu suas baterias, ao perceber que, pelas janelas, as mulheres se distribuíam em grande número, “todas pintadas, lubrificamente, trajando costumes talhados artisticamente”. Esse fato parecia ao jornal extremamente escandaloso e “digno de uma providência da polícia”.<sup>49</sup>

Um viajante constatou que para ficar alojado de “maneira decente” no Rio de Janeiro era preciso ir para fora do centro da cidade. Hospedado no Hotel dos Príncipes não tardou “a ser envolvido pelas maneiras discretas das criadas e os olhares das mulheres pintadas”. À noite, ouvira “nomes gritados pela janela, barulho, portas e muito movimento na escada”.<sup>50</sup>

Na escala dos locais destinados ao comércio sexual, o zungu ocupava a posição menos prestigiosa. Eram habitações sombrias, “verdadeiro antro de paredes enegrecidas pela fumaça de fogareiros e nauseabundos cachimbos dos frequentadores e habitantes”, ocupadas por mulatas, negras e negros libertos que faziam segundo Ferraz de Macedo, o “quádruplo papel de alcoveiros, lenocinistas, cantoneiros e vendedores de quitanda”. Esses locais – onde misturavam-se tabuleiros com hortaliças, doces e frutas – tinham ordinariamente, compartimentos feitos com tábuas ou com divisões de chita, algodão, lona ou aniagem, dotados de uma tarimba, onde as moradora ou as visitantes exerciam a prostituição.<sup>51</sup>

Os fundos das barbearias de negros libertos também eram por vezes alugados, por módicos preços, com a mesma finalidade<sup>52</sup>.

O Código de Posturas da Câmara Municipal no seu título IV, parágrafo 7º, proibia a existência das “casas conhecidas vulgarmente pelos nomes de casas de zungu e batuques”. Os proprietários das mesmas casas seriam punidos com a pena de oito dias de prisão e trinta mil réis de multa. Em caso de reincidência, com trinta dias de prisão e sessenta mil réis de

---

<sup>48</sup> Francisco Ferraz de Macedo, *op. cit.*, p. 70.

<sup>49</sup> O Carbonário, 12 de Outubro.

<sup>50</sup> Louis e George Verbrugge. In: Miriam Moreira Leite, *op. cit.*, p. 116.

<sup>51</sup> Francisco Ferraz de Macedo, *op. cit.*, p. 82.

<sup>52</sup> José Ricardo Pires de Almeida. *op. cit.*, p. 71.

multa<sup>53</sup>. Em 1850, o Chefe de Polícia em ofício ao Ministro da Justiça relatava a prisão de uma certa Teresa Maria de Jesus, proprietária de um zungu na freguesia de São José, juntamente com um preto forro.<sup>54</sup> No ano seguinte, um novo ofício dava conta da prisão de 22 escravos e mais de 4 indivíduos livres em um outro na Freguesia da Glória, tendo sido os escravos castigados e entregues a seus senhores.<sup>55</sup> Um periódico denunciou em 1882 a existência de um zungu na Rua do Núncio, pertencente a um certo Martinho, onde ocorriam “frequentes desordens”.<sup>56</sup>

Ao que tudo indica, existiram poucos bordéis no Rio de Janeiro, caso se tome como modelo o bordel francês do século XIX descrito por Corbin e Adler.<sup>57</sup> Ferraz de Macedo falava de “colégios de meretrizes”. Segundo sua descrição eram casas amplas, de boa arquitetura, situadas em locais de pouco movimento, para se garantir a tranquilidade e o anonimato dos frequentadores. Possuíam uma sala bem mobiliada com sofá, piano, cadeiras, espelhos, aparadores, tapetes e quadros. Da sala partia um corredor pelo qual se tinha acesso às alcovas, em número correspondente ao de “colegiais” que poderiam chegar até oito ou mais. A patroa, mulher já de meia idade, seria respeitada pelas suas “pupilas” que, seguiam fielmente seus conselhos, não apenas no que se referia às doenças venéreas, mas, também, em relação ao trato com os frequentadores. A clientela era formada por empregados do comércio, estudantes etc.<sup>58</sup>

Pires de Almeida referia-se aos “conventinhos” que, pelo seu relato, parece se tratar dos citados “colégios”. Os mais célebres de acordo com o

---

<sup>53</sup> Rio de Janeiro. Câmara Municipal. Código de Posturas da Ilustríssima Câmara Municipal do Rio de Janeiro e Editais da mesma Câmara. E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1870.

<sup>54</sup> Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. Set. 1850. IJ6-214. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

<sup>55</sup> Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexo. Abr. 1851. IJ6.215. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

<sup>56</sup> O Carbonário, 27 de fevereiro de 1882, p. 4.

<sup>57</sup> Alain Corbin. *Les filles de noce. Misère Sexuelle e Prostitution (19<sup>e</sup> ème siècle)*. Flammarion, Paris, 1982, p. 81-124. Laure Adler. *La vie quotidienne dans les maisons closes 1830. 1930*. Hachette, Paris, 1990, p. 53-144.

<sup>58</sup> Francisco Ferraz de Macedo. *op. cit.*, p. 79.

seu testemunho foram os “conventinhos” da Barbada. Esta última, já era uma mulher de meia idade e, entretinha seu estabelecimento “em bom pé de luxo”. Arregimentava belíssimas mucamas e mulatas escravas, que ela própria comprava e alforriava condicionalmente. Todas elas “mais ou menos claras, mais ou menos lindas, porém todas moças, quase implumes, pois, eram exibidas ainda de vestido curto e calças”. A frequência era constituída, sobretudo, por caixeiros do comércio, estudantes e “velhos devassos”. Além dos encontros com as “freiras”, o cliente tinha ainda a sua disposição um estoque de bebidas variadas.<sup>59</sup>

À guisa de conclusão, podemos dizer que o cliente, esse grande ausente dos trabalhos sobre a prostituição, exerceu um papel fundamental na expansão dessa atividade no decorrer do século XIX. Multifacetado, pode desfrutar de um gama enorme de locais onde a sexualidade venal era exercida sem que fosse perturbado ou acusado de trazer problemas à ordem e à moralidade pública. O marinheiro, o caixeiro do comércio, o fazendeiro, o negociante, o político ou o pequeno funcionário público, eram considerados, antes de tudo, vítimas. As “messalinas”, “mulheres perdidas”, “harpías”, “cobras venenosas”, sempre à espreita, eram as únicas responsáveis pela frouxidão dos costumes e pela “devassidão” que grassava na cidade do Rio de Janeiro.

Essa vitimização do cliente deve ser entendida em um amplo espectro de culpabilização das mulheres que caracterizou o século XIX. Criminosas natas, segundo a visão lombrosiana, deveriam ser permanentemente vigiadas e controladas em face da incapacidade de agirem racionalmente.<sup>60</sup> Eximidas do papel de mãe para o qual a natureza as havia talhado, restaria para elas apenas a degradação. O cliente poderia buscar o prazer fora do leito conjugal, sem problemas ou máculas para sua reputação. A visão agostiniana da prostituição como “mal necessário” também lhe dava a certeza de que, para que as “mulheres honestas” aptas ao casamento não sofressem ataques à sua

---

<sup>59</sup> José Ricardo Pires de Almeida, *op. cit.*, p. 72.

<sup>60</sup> Cesare Lombroso. *La Femme Criminelle et la Prostituée*. Paris. Félix Alcan, 1896.

virtude, umas tantas outras “desonestas” deveriam estar nos cafés-concerto, nas janelas e nos zungus para saciar-lhes os ardores do desejo sexual.

## Referências

### Documentação de Arquivo

Ofício do Chefe de Polícia Nicolau da Silva Lisboa aos subdelegados do Município do Rio de Janeiro. Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. Jan./ Abr. 1845. IJ6-203. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro. Câmara Municipal. Código de Posturas da Ilustríssima Câmara Municipal do Rio de Janeiro e Editais da mesma Câmara. E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1870 .

Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexo. Abr. 1851. IJ6.215. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. IJ6-212. 1849. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

Secretaria de Polícia da Corte. Ofícios com anexos. Set. 1850. IJ6-214. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

### Periódicos

A Gazeta de Notícias.

A Gazeta Luzitana.

O Carbonário.

### Livros, artigos e teses

ABREU, Plácido de. *A Crápula*. Tipografia Literária, Rio de Janeiro, 1880.

\_\_\_\_\_. *A luta dos vícios*. Tip. Part., Rio de Janeiro, 1886.



- \_\_\_\_\_. *Os Capoeiras*. Tip. da Escola de S.J. Alves, Rio de Janeiro, s.d.
- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora Ática, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- CORBIN, Alain. *Les filles de noce*. Misère Sexuelle e Prostitution (19 ème siècle). Flammarion, Paris, 1982, p. 81-124. Laure Adler. *La vie quotidienne dans les maisons closes 1830*. 1930, Paris: Hachette, 1990.
- CUNHA, Herculano Augusto Lassance. *Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina. Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, Rio de Janeiro, 1845.
- EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1973, vol. I.
- EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Charlieu et Huillery Librairies Editeurs, 1864.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, 1964.
- LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/INL, 1984.
- LOMBROSO, Cesare. *La Femme Criminelle et la Prostituée*. Paris: Félix Alcan, 1896.
- MACEDO, Francisco Ferraz de. *Da prostituição em geral*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina. Tipografia Acadêmica. Rio de Janeiro, 1872.
- NEEDELL, Jeffrey D. *A tropical belle époque*. Elite culture and society in thurn-of-the-century Rio de Janeiro. Cambridge University Press, 1987.

- PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*. Estudos sobre as perversões e inversões do instinto genital. Laemmert e C. Editores, 1906.
- ROSA, Ferreira da. *O lupanar*. Estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro. s.e., Rio de Janeiro, 1896.
- ROSSIAUD, Jacques. *La prostitution médiévale*. Paris: Flammarion, 1988.